Inserção de estudantes imigrantes nas práticas educacionais brasileiras.

Ananda Monteiro Catelani e Professora Doutora Roseli Fernandes Lins Caldas

Apoio: PIBIC Mackpesquisa

RESUMO

O presente artigo busca compreender de que forma os alunos imigrantes são inseridos nas escolas brasileiras. Partindo do fenômeno da imigração, foi feito um panorama histórico a fim de assimilar como o Brasil recebe aquele que chega, evidenciando os impasses políticos, ideológicos e educacionais que surgem em decorrência do choque de culturas e costumes. Apesar do Brasil ser considerado multicultural, ainda carrega rastros de um país monolíngue. Por este motivo, as crianças imigrantes podem apresentar dificuldade na aprendizagem, uma vez que sua cultura e idioma, muitas vezes, não são valorizados no espaço escolar. Portanto, esta pesquisa tem por objetivo verificar quais são as maiores dificuldades tanto para as crianças quanto para professores no que diz respeito à inclusão destes alunos nas escolas brasileiras. Buscou-se, também, denunciar a carência de políticas públicas que valorizem sua cultura e que ajudem as crianças se inserirem na sociedade. Para tanto, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com três professoras e um imigrante. Os dados foram analisados por meio de seis categorias de análise e interpretados qualitativamente a fim de atingir os objetivos desta pesquisa. Dentre os resultados, destaca-se o grande desafio do idioma nos processos de ensino-aprendizagem, pois as escolas públicas se baseiam na educação monolíngue e monocultural, reprimindo, muitas vezes, quaisquer formas de expressão dos alunos estrangeiros.

Palavras-chave: Imigração. Inclusão. Escola.

ABSTRACT

This article seeks to understand how immigrant students are inserted in Brazilian schools. Starting from the phenomenon of immigration, a historical overview was made in order to assimilate how Brazil receives those who arrive, highlighting the political, ideological and educational impasses that arise as a result of the clash of cultures and customs. Despite Brazil being considered multicultural, it still carries the traces of a monolingual country. For this reason, immigrant children may have difficulties in learning, as their culture and language are often not valued in the school environment. Therefore, this research aims to verify which are the greatest difficulties for both children and teachers, not with regard to the inclusion of these students in Brazilian schools. It was also sought to denounce the lack of public policies that value their culture and help children to enter society. For that, they were chosen without structure with three teachers and an immigrant. Data were obtained through six categories of

analysis and qualitatively interpreted in order to achieve the objectives of this research. Among the results, the great challenge of the language in the teaching-learning processes stands out, as public schools are based on monolingual and monocultural education, often repressing any form of expression by foreign students.

Keywords: Immigration; Inclusion; School.

1. INTRODUÇÃO

A questão da imigração é vista como algo inerente ao ser humano, quando este viaja para conseguir melhores condições de vida, deixando seu país em desenvolvimento, rumo a um mais desenvolvido. Por sua vez, as migrações forçadas ou involuntárias referem-se àqueles que são obrigados a sair de seus países para fugir de conflitos ou perseguições (ACNUR, 2019), fatores estes que colocam em risco sua vida, liberdade e segurança, ou ainda os que precisam fugir diante de ameaças ou perseguições por questões étnicas ou religiões minoritárias.

Os primeiros imigrantes brasileiros, ainda na época da colonização, eram na maioria europeus que vieram para a terra recém-descoberta a fim de povoar e dominar o país. Por outro lado, os refugiados eram, nesta mesma época, vítimas de perseguições religiosas e, devido a isto, buscavam asilo em países que garantissem maior liberdade de crença (FRAIA, 2017). Mais tarde, no contexto pós-guerra em 1945, imigrantes de diversos países europeus como Itália, Portugal, Espanha e Alemanha, vieram para o Brasil a fim de fugir dos efeitos da destruição da segunda guerra mundial (1939-1945).

Em decorrência do alto índice de imigração, foi fundado em 1951, um órgão subsidiário responsável pela proteção dos refugiados: o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), com o propósito de incentivar a sociedade do país acolhedor a atuar em prol dos refugiados. Anos mais tarde, em 1997, criou-se o Estatuto dos Refugiados, nome pelo qual ficou conhecida a lei brasileira sobre refúgio (Lei 9.474/1997). Foi também nesse ano que o Comitê Nacional para Refugiados – CONARE – foi instituído. Contudo, foi apenas em 2017 que houve a substituição do Estatuto do Estrangeiro (Lei 6.815/80) pela Lei da Migração (Lei 13.445/2017), garantindo dentre outros direitos, o da educação.

Este avanço é de grande importância no Brasil, posto que é na escola que as crianças imigrantes têm seu primeiro contato com a sociedade do novo ambiente, além de ter acesso a toda carga cultural e costumes do novo país, sendo estes transmitidos por meio do ensino. Ademais, dentre outros agentes de socialização, a escola oportuniza a convivência com pessoas diferentes e o reconhecimento de novas regras (ARAÚJO; CONTERAS, 2017 p. 979). Contudo, a socialização e a transmissão da cultura na escola foram impossibilitadas em decorrência da pandemia do COVID-19, uma vez que o ensino passou a ser na modalidade remota.

Descoberto na China em dezembro de 2019, o coronavírus (SARS-CoV-2) vem causando uma grave crise sanitária no mundo todo, levando os países a adotarem

medidas preventivas como a higienização das mãos, uso de máscaras e o isolamento social. Em decorrência disso, a cidade de São Paulo decretou o fechamento de comércio, parques, academias e escolas em março de 2020. Desta forma, as escolas modificaram os procedimentos de ensino e incluíram estratégias do ensino remoto para prosseguirem com o ano letivo.

Mais de um ano depois, pode-se perceber as consequências do ensino remoto, principalmente a desigualdade de acesso, devido à desigualdade social. Muitos estudantes de escola pública não possuem acesso à internet nem dispõem de um aparelho eletrônico pessoal para assistirem às aulas, podendo causar seu desengajamento, uma vez que se veem diante da falta de oportunidade de crescimento e desenvolvimento, no que diz respeito à educação. Pode-se destacar o avanço nos índices de evasão escolar, posto que a pandemia afetou economicamente a maior parte da população de baixa renda. Sendo assim, em decorrência da falta de recursos tecnológicos e o choque econômico, as crianças se veem obrigadas a trabalhar e gerar renda para as famílias com problemas financeiros. Além disso, acredita-se também que a defasagem escolar será intensificada no Brasil em decorrência do baixo aproveitamento escolar e da dificuldade de acesso às plataformas digitais.

No que diz respeito aos alunos imigrantes, com o fechamento das escolas, perde-se o contato com colegas e professores, fator essencial para a aprendizagem e o desenvolvimento social de todos os estudantes, incluindo os imigrantes.

Portanto, considera-se que, neste momento de enfrentamento da pandemia, a escola possui a importante função social e educacional de – a despeito da necessidade de suspensão das aulas e consequente isolamento como medida de frear o contágio – transmitir conhecimento, apoiar emocionalmente os estudantes, contextualizar o que está ocorrendo e estar à disposição do aluno, buscando evitar a ampliação da vulnerabilidade e auxiliar na adaptação dos alunos (em especial os imigrantes) neste período de incertezas (BERG, et al, 2020).

Os alunos imigrantes/refugiados, trazem consigo experiências, interesses e práticas culturais e linguísticas extremamente diversas, contudo, ainda são consideradas mais isolados e menos aceitos em seus contatos. Um dos motivos que contribui para o isolamento e o possível impedimento de interação entre seus colegas brasileiros e professores, é a dificuldade em compreender o idioma daquele que chega.

Atualmente, as práticas pedagógicas se dão por meio da abordagem monocultural e monolíngue, definidas pela língua portuguesa, religião católica, trabalho e valores urbano-industriais (SILLER, 2011 apud ALEXANDRE; ABRAMOWICZ, 2017), produzindo, muitas vezes, um apagamento da cultura das crianças recém-chegadas. Além de interferir no relacionamento interpessoal, a dificuldade em relação ao idioma desemboca na consequente barreira com a aprendizagem e aproveitamento escolar. Muitas vezes, alunos que apresentam certa dificuldade de aprendizagem, são “diagnosticados” por professores que, rotulam-nos com determinados transtornos. Esta lógica parte do princípio de que um aluno é visto como um “problema potencial” ao desviar-se do padrão pré-estabelecido pela escola, necessitando de atendimento preventivo.

Sendo assim, o processo de inclusão dessas crianças é prejudicado por dois motivos: a dificuldade da língua e o preconceito que sofrem em sala de aula. Estes fatores podem tornar o processo imigratório como um predisponente de sintomatologia depressiva, justamente pelo isolamento e xenofobia sofrida por estes imigrantes. Desta forma, é de suma importância a gestão escolar estabelecer um diálogo com a família imigrante, propondo atividades que estimulem o desenvolvimento integral do aluno.

Este estudo busca compreender quais são os desafios enfrentados na escolarização dos alunos estrangeiros. Considera-se o tema de grande relevância uma vez que vem crescendo a taxa de matrículas de crianças imigrantes nas escolas públicas da cidade de São Paulo, e conseqüentemente, a preocupação de profissionais da área a respeito do processo ensino-aprendizagem e estratégias de inclusão destes alunos no ambiente escolar, posto que a não familiaridade com o idioma pode ser o aspecto norteador para o surgimento da defasagem escolar.

O assunto principal desta pesquisa, ainda que atual, tem sido explorado por pesquisadores e profissionais da área de psicologia, em especial, no que diz respeito aos desafios e dificuldades que os imigrantes encontram ao chegar no novo país, logo, é fundamental que se amplie o número de pesquisas que foquem no processo ensino-aprendizagem e evidenciem a falta de políticas públicas que visem a inclusão destes alunos no ambiente escolar, motivo que mobilizou a elaboração deste projeto.

A partir disso, cabe indagar, quais os desafios enfrentados na escolarização dos alunos estrangeiros? Para responder a essa pergunta, o artigo busca analisar as relações interpessoais do grupo de imigrantes/refugiados dentro do ambiente escolar e investigar quais as estratégias utilizadas pelos educadores para promoção da

inclusão. Além disso, será feita uma análise da aprendizagem destes estudantes no contexto da pandemia do Covid-19.

Para viabilizar a publicação deste artigo, o projeto de pesquisa foi inserido no sistema CEP-Plataforma Brasil, tendo sido aprovado.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Atualmente, o fluxo imigratório no Brasil vem aumentando demasiadamente. A falta de oportunidades e poucas chances de mobilidade social no país de origem, faz com que os imigrantes passem a apostar tudo na construção de sua oficina de trabalho e permanência no Brasil, trazendo seus familiares (SILVA 2006, p.165). Contudo, ainda que o país seja considerado um dos que possuem uma das melhores legislações de refúgio (MARTUSCELLI, 2014, p. 281), “a nova onda de migração tem sido vista com certa desconfiança por parte da sociedade brasileira” (ARAÚJO; CONTERAS, 2017, p.976).

(...) aos olhos da sociedade intolerante, as diferenças, são um entrave ao desenvolvimento do país. Assim, como surgem alguns discursos xenofóbicos de que “os imigrantes furtam as oportunidades de emprego e utilizam de serviços públicos, como hospitais e escolas, diminuindo a qualidade destes serviços. (GONÇALVES, 2016, p.5).

Desta forma, é comum encontrar imigrantes que tenham se deparado com obstáculos em relação à acessibilidade, uma vez que a documentação exigida é uma evidente barreira à aceitabilidade, destacando aqui a discriminação, e à adaptabilidade, ignorando as diferenças, a começar pela linguística (MAGALHAES; SCHILLING, 2012).

A questão linguística também é de grande peso para as crianças. Uma vez que, ao ingressarem no ambiente escolar, sentem o impacto de aprender conteúdos em outro idioma. “(...) a barreira da língua, bem como, a falta de uma política migratória são fatores que impedem a plena inserção das crianças (...) e conseqüentemente prejudicam a aprendizagem e o aproveitamento escolar.” (ALEXANDRE; ABRAMOWICZ, 2017, p.188).

É neste momento que ocorre, muitas vezes, a patologização do processo ensino-aprendizagem dos imigrantes. A importância desse tema vem crescendo em larga escala, uma vez que estes estudantes estão sendo diagnosticados com autismo e/ou outros problemas relacionados à aprendizagem. Não é de hoje que vem sendo discutida por profissionais da área de estudo, a temática a respeito da queixa escolar em relação ao mau comportamento ou dificuldades no ensino-aprendizagem, “sendo

deslocados para o campo médico problemas que fazem parte do cotidiano dos indivíduos” (MEIRA, 2012. P. 136).

Segundo essa forma de abordar problemas de ajustamento à escola, dificuldades de aprendizagem e problemas de comportamento surgem em decorrência de conflitos vividos internamente pela criança, entendidos como sendo consequência da pobreza, de uma família desestruturada ou de carência afetiva. (BRAGA, 2007)

Esta questão se encaixa no conceito de medicalização, que acontece quando a constante procura por uma explicação a respeito do fracasso escolar gera o deslocamento das questões político-pedagógicas para causas e disfunções médicas, portanto devendo ser resolvidas por meio de atuação da medicina e biologia, e não mais acessíveis à Educação.

Desta forma, tem-se como consequência deste processo, o diagnóstico prévio e equivocado de uma doença na criança, que além da dificuldade de adaptação ao país estrangeiro, ainda sofrerá, desde cedo, com a atribuição de rótulos de enfermidades. Atualmente, vêm se tornando mais frequente, “nas unidades de saúde ou até mesmo nas escolas, a substituição do nome do paciente ou aluno pela sua classificação diagnóstica, colocando em relevo o lugar que ocupam na escala normal.” (GUARIDO, 2007, p.5)

Posto isso, deve-se enfatizar a importância da escola se aprofundar em políticas públicas para estes alunos, uma vez que o “imigrante traz consigo suas referências, sua religião, seu idioma, seus costumes e, em alguns casos, como o da população boliviana em São Paulo, traz também características étnicas. Ele é, em todo caso, um sujeito diferente” (MAGALHAES; SCHILLING, 2012, p.47).

3. METODOLOGIA

Participantes

Para descrever de que forma ocorre o processo de ensino aprendizagem de alunos imigrantes, foram convidados para esta pesquisa, 04 participantes divididos em três grupos. O primeiro corresponde às professoras de diferentes escolas públicas da cidade de São Paulo, o segundo de uma professora que leciona em uma escola bilíngue e recentemente foi auxiliar de classe em uma escola pública com alunos estrangeiros e por último, um imigrante.

Foram dados nomes fictícios à cada participante a fim de apresentá-los, garantindo-se o sigilo. Para compor a amostra do primeiro grupo de participantes, foram feitas ligações para diferentes escolas paulistas a fim de receber autorização

para realizar as entrevistas. Marina foi a primeira professora entrevistada. Com 54 anos, leciona para alunos imigrantes desde a década de 1990 em uma escola pública estadual no centro da cidade de São Paulo dando aula para alunos do Ensino Fundamental II. A professora Maria Luiza, por sua vez, leciona em uma escola estadual na cidade de Guarulhos, na qual é responsável pelo Ensino Fundamental II e Ensino Médio, lecionando, matemática. Com 50 anos, já atua com os alunos imigrantes desde o início de sua vida profissional.

Também foi entrevistada a professora Julia, estudante do último ano de pedagogia e que atuou durante 1 ano como auxiliar de classe em uma escola pública municipal na Zona Sul de São Paulo. Atualmente, Julia leciona em uma escola bilíngue particular. O convite para essa professora foi feito através de um e-mail enviado pela pesquisadora, uma vez que já se conheciam.

Por fim, o objetivo principal da pesquisa foi divulgado em grupos específicos para imigrantes nas redes sociais e Francisco, imigrante boliviano de 25 anos, demonstrou interesse em fazer parte desta pesquisa. Ele chegou ao Brasil há 10 anos, e durante toda sua trajetória acadêmica estudou em escolas públicas do centro da cidade de São Paulo. Atualmente estuda Licenciatura em Matemática.

Procedimentos

A pesquisa se utilizou do método da entrevista, com objetivos específicos para cada grupo, com a “finalidade de aprofundar as questões [estudadas] e esclarecer os problemas observados” (ANDRÉ, 1998, p.28). A entrevista permite “(...) ao investigador, desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p.134). Foram formulados três roteiros de entrevistas semi dirigidas específicos para cada um dos grupos da amostra, professoras que lecionam atualmente para alunos imigrantes, professora da escola bilíngue e ex-aluno imigrante.

Coleta de Dados

Em decorrência da pandemia do Covid-19 e da necessidade do isolamento social, as entrevistas individuais foram feitas on-line via Zoom e mediante a autorização dos participantes, gravadas e transcritas. Foram feitas em todos os roteiros, dez perguntas permitindo que o participante acrescentasse, em suas respostas, aspectos pertinentes às questões, dando margem a novas perspectivas.

Análise de Dados

Os dados coletados nas entrevistas foram analisados qualitativamente pelo método de categorização, que significa “(...) agrupar elementos, ideias ou expressões em torno de um conceito capaz de abranger tudo isso” (MINAYO, 2010, p. 70). As categorias de análise estão dispostas da seguinte forma: 1ª categoria: relação com o professor em sala de aula; 2ª categoria: relação com os colegas; 3ª categoria: diferença idiomática; 4ª categoria: atividades e programas que promovam a inclusão dos alunos imigrantes; 5ª categoria: desafios e conquista em relação à aprendizagem dos alunos imigrantes e 6ª categoria: desafios desencadeados pela pandemia e o isolamento social.

Durante a pesquisa foram transcritas falas dos participantes que afirmem o tema central desta pesquisa, podendo ser comparadas com outros autores e estudos, de forma a ampliar as discussões e saberes a respeito dessa tão relevante temática.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As categorias de análise propostas nessa pesquisa não são excludentes entre si, de maneira que os temas recorrentes provenientes de cada uma destas estão interligados.

Relação com os professores

Os alunos imigrantes podem ser alvos de inúmeras piadas em sala de aula, em razão do preconceito contra sua cultura e costumes. Diversos estudos mostram que a violência na escola, destacando-se o *bullying*, influencia na autoestima dos alunos. “Um grau benéfico de autoestima é decisivo para o bom relacionamento do adolescente, dado que ela os auxilia a crer e confiar em si próprios.” (BRITO, 2013; p. 602). Crianças que sofrem qualquer tipo de violência na escola provavelmente, podem apresentar uma combinação de baixa autoestima, atitudes agressivas e provocativas, podendo indicar maior índice de depressão, ansiedade e insegurança em relação às outras. (BRITO, 2003).

A relação entre o *bullying* e a autoestima foi trazida pela professora Marina. Segundo ela, os imigrantes chegam sempre inseguros e violentos, por medo de sofrer algum tipo de xenofobia, por não conseguir acompanhar as atividades da sala de aula e por ter uma cultura diferente. Diante disso, Marina afirma que todo professor, antes de se preocupar em ensiná-los a ler e escrever, precisa trabalhar a parte emocional e a autoestima desses alunos.

Através de sua fala e das outras duas professoras entrevistadas, é possível perceber seus esforços para com os alunos, especialmente os imigrantes. Todas as professoras afirmam trabalhar com cada aluno de forma diferenciada. Para aqueles

com dificuldade, Marina apresenta, em suas primeiras aulas, desenhos e técnicas da alfabetização para que os alunos assimilem o conteúdo que está sendo dado, além de incentivar a distribuição dos alunos em sala em forma de U, possibilitando maior interação entre eles.

Essa relação entre professor e aluno é de extrema importância, a ponto de estabelecer posicionamentos pessoais em relação à metodologia, à avaliação e aos conteúdos. "Se a relação entre ambos for positiva, a probabilidade de um maior aprendizado aumenta. A força da relação professor-aluno é significativa e acaba produzindo resultados variados nos indivíduos (AQUINO, 1996; p. 34). Julia afirmou que os professores precisam conhecer verdadeiramente seu aluno e entender sua situação familiar. Em sua opinião, quando a relação aluno e professor é positiva, a aprendizagem do aluno também é.

Para Francisco, a sua relação com a professora de matemática foi muito marcante. Ele afirma que em todo momento, desde que entrou na escola, ela ficou ao seu lado explicando com muitos detalhes a matéria, o que fez com que ele escolhesse estudar Licenciatura em Matemática. Assim, pode-se perceber que estudantes e professores afetam-se mutuamente e estes passam a ser modelo para os estudantes.

Contudo, alguns professores pecam na falta de paciência e no cuidado com os alunos imigrantes. Julia afirmou que presenciou momentos em que uma professora tentava diagnosticar os alunos que apresentavam dificuldades na escola. Ela cita o exemplo de um imigrante que além de sempre estar de recuperação, era inquieto e por esse motivo, inferiu-se a possibilidade de ele ter Transtorno de Atenção e Hiperatividade – TDAH.

No entanto, além de excluir a responsabilidade da gestão escolar e de uma rede de outros fatores responsáveis pela queixa de aprendizagem, esse movimento reconhece os fatores sociais, psicológicos e culturais como algo do campo médico, em que apenas o organismo e o biológico são considerados (GOMES; MAGALHÃES, 2018). A este processo se denomina a medicalização, fenômeno que atualmente, vem sendo substituído pelo termo "patologização", pelo fato de abranger não apenas médicos, mas também fonoaudiólogos, psicopedagogos, enfermeiros e outros profissionais da saúde.

Relação com os colegas de classe

Assim que chegam ao Brasil, naturalmente os alunos imigrantes são instruídos a incorporarem os costumes brasileiros. Além disso, podem ser alvos de brincadeiras, xingamentos e agressões por parte dos colegas brasileiros. De acordo com Maria

Luiza, na escola em que leciona, já houve casos em que alunos imigrantes sofreram *bullying* por parte de alunos brasileiros. Contudo, afirma existir ações da escola que prezam pelo respeito pelo outro.

As outras duas professoras concordam ao dizer que as crianças não têm preconceito tão exacerbante contra seus colegas. De acordo com Cruz (2014), as crianças aprendem por imitação e muitas vezes, desenvolvem preconceitos em decorrência da postura negativa de seus familiares ou pessoas com quem elas convivem.

Francisco afirmou que seu maior medo ao vir para o Brasil era sofrer xenofobia na escola, em detrimento da cultura diferente. Contudo, assim que chegou na escola, foi bem recebido pelos colegas e professores. Apesar de algumas vezes ter havido algumas brincadeiras a respeito de seu sotaque ou forma de agir, afirma não ter sofrido da mesma forma que seus amigos ou como imaginou que sofreria.

Marina afirmou que, em sala de aula, trabalha com todas as crianças em conjunto. Ela se empenha em fazer todos se ajudarem, seja na lição de sala ou em situações externas, como brigas e discussões. *“Então esse trabalho de um aluno ajudando o outro é muito importante. Até porque a situação é bem complicada... normalmente as classes são lotadas e o professor não é onipresente, não está em todas as situações...”* Dessa forma, “interagindo, as crianças não apenas apreendem e se formam, mas ao mesmo tempo, criam e transformam – o que as torna constituídas na cultura e suas produtoras” (MOTTA, 2011; p.78).

Para Vygotsky (1978), o desenvolvimento consiste num processo de aprendizagem através de ferramentas intelectuais, como por exemplo, a linguagem. Quando os alunos estrangeiros interagem com os brasileiros, sendo estes mais experientes nessas ferramentas, podem auxiliar no processo de aprendizagem e desenvolvimento dos imigrantes. Nesse sentido, em decorrência das turmas de escolas públicas estarem cada vez maiores e do aumento da diversidade de alunos, se faz ainda mais necessária a mediação de pares mais hábeis no ensino de alunos estrangeiros, uma vez que estes podem sentir maiores dificuldades em aprender em português.

Diferença idiomática

O grande desafio das escolas e professores é ensinar português aos alunos imigrantes, sem anular seu idioma natal. Sendo assim, a escola deve ser entendida como um espaço de troca, tanto para os alunos imigrantes quanto para os brasileiros. As três professoras entrevistadas nessa pesquisa se mostraram muito pacientes e

preocupadas em relação à aprendizagem de seus alunos. Marina afirmou que tenta falar em espanhol com os alunos, usa mímicas no momento da alfabetização e conta com a ajuda de outras crianças da sala para auxiliarem na tradução.

Contudo, a diferença idiomática se mostrou um dos principais desafios, tanto para as professoras entrevistadas, quanto para Francisco. Apesar da comunicação entre eles estar melhor em decorrência do avanço da tecnologia e a facilidade de se ter um tradutor no celular, os professores ainda encontram dificuldade em ser compreendidos e entender os impasses no processo de aprendizagem de seus alunos estrangeiros.

De acordo com Marina, *“as crianças estrangeiras são muito resilientes. Elas vão atrás, eles têm força de vontade.”* Quando questionada sobre possíveis dificuldade de aprendizagem, afirmou que existem alunos estrangeiros que apresentam baixo aproveitamento escolar, contudo, *“eles se dedicam muito principalmente por causa da barreira da língua e condição financeira. Para eles, o estudo é muito importante porque eles sabem que não conseguem se dar bem se não tiverem uma boa base.”*

Para Julia, o grande problema da educação para imigrantes está no sistema de ensino da escola pública. Em vários momentos ela cita que a inclusão de alunos estrangeiros nas escolas, na realidade, não existe. De acordo com a mesma professora, faltam estratégias da educação bilíngue para auxiliar os alunos na transição da sua língua mãe para o português. Assim que chegam no Brasil e se matriculam na escola, entram em contato direto com o idioma do país, sem ter qualquer tipo de suporte ou tempo para se acostumarem com o novo idioma e cultura. De acordo com Megale (2005), o sistema bilíngue pode ser assim definido:

A educação bilíngue pode ser classificada em três diferentes programas. O primeiro deles é o programa compensatório em que a criança é instruída primeiramente na L1 [idioma mãe], visando sua melhor integração no contexto escolar. O segundo programa é o programa de enriquecimento, nele, de acordo com Cox e Assis Peterson (2001), ambas as línguas são desenvolvidas desde a classe de alfabetização e são utilizadas como meio de instrução de conteúdo. O terceiro programa é o de manutenção do grupo, no qual a língua e a cultura das crianças pertencentes ao grupo minoritário são preservadas e aprimoradas. (MEGALE, 2005; p. 8).

De acordo com Francisco, é necessário ainda que a escola tenha pelo menos uma pessoa que consiga auxiliar os estrangeiros. *“Eu acho que seria mais essa questão do idioma em si, tipo, ter alguém que consiga pelo menos saber o básico dos idiomas dos alunos... pelo menos tendo como base a grande proporção de imigrantes que estão vindo para o Brasil: haitianos, angolanos... a maioria fala francês e espanhol.”*

O fato de os alunos conversarem com seus familiares na língua materna dentro de casa é considerado, por todas as entrevistadas, como uma prática prejudicial para os estrangeiros. Através das falas das participantes foi possível perceber que a ideia de um Brasil monolíngue ainda é extremamente presente e internalizada, posto que, muitas vezes, se esquece que é em casa que os estrangeiros se sentem seguros e acolhidos, podendo se expressar com maior naturalidade. Diferentemente das escolas que impõem o português e os costumes brasileiros aos alunos imigrantes, em casa, estes preservam sua cultura ao falar em seu idioma mãe com seus familiares.

Julia, ressalta ainda que nas escolas particulares há uma grande parceria entre a família e a escola, a fim de fazer com que os alunos consigam absorver melhor o idioma diferente do seu. Esse processo, segundo ela, não existe na escola pública, uma vez que os pais não são incentivados a estudar também. *“Eles sabiam um pouco da oralidade, de ouvir e tal..., mas assim, ter uma conversa profunda, de saber ensinar que rato não é com RR porque é começo de palavras, mas que cachorro tem RR... não sabe essas coisas, porque isso é particular de brasileiro mesmo, você tem que estudar para caramba para saber ensinar.”*

Dessa forma, Julia enfatiza que deve haver, além de um ensino bilíngue focado nas necessidades dos alunos imigrantes, a parceria entre família e escola, incentivando os pais a buscarem educação através do EJA. Contudo, vale lembrar que a maior parte dos estrangeiros que chegam ao Brasil fogem de guerras, perseguições, crises econômicas e violência. Ao chegarem, visam um trabalho remunerado que possa trazer sustento para a família e uma escola para suprir às necessidades dos filhos, sendo a educação pública a única opção economicamente possível. Diante das dificuldades, poucos pais estrangeiros possuem disponibilidade para estudar.

Atividades e programas que promovam a inclusão de alunos imigrantes

O fato de os alunos imigrantes sofrerem diversos tipos de violência no ambiente escolar e não encontrarem “apoio e incentivo no sentido de preservação das suas raízes, causa, no encontro com o outro, um impacto cultural imensurável no imigrante, sobretudo nas crianças que estão em processo de escolarização e precisam se sentir incluídas num novo território” (CUNHA, 2015; p. 21177).

Apesar de associarmos, muitas vezes, o processo migratório à dificuldade de inserção na sociedade, muitas escolas vêm criando estratégias que contribuem para o acolhimento desses estudantes. Um estudo feito em Arroio do Meio (RS) no ano de 2006, mostrou que “os imigrantes foram recebidos pelos colegas de forma muito natural e humana, inclusive, sem qualquer tipo de preconceito ou discriminação” (SCHMIDT, 2016, p. 35). É possível perceber, então, que atualmente a diferença

idiomática e diversidade cultural está deixando de ser igualada ao fracasso ou vista como inferior, se buscando, cada vez mais o acolhimento e valorização da diversidade e variações linguísticas e culturais.

As professoras entrevistadas nessa pesquisa afirmam existirem ações e programas de inclusão direcionados aos alunos imigrantes no ambiente escolar. Dentre as estratégias oferecidas pela escola, pode-se citar, a roda de conversa. Esta é de grande relevância, uma vez que é o momento privilegiado de diálogo e intercâmbio de ideias, que além de auxiliar na oralidade e vocabulário, pode servir como fluência para falar, perguntar, expor novas ideias, reflexões e diferentes formas de pensar. De acordo com Marina, esse é o momento em que é pedido para que o imigrante conte sobre sua cultura e aprenda mais sobre os costumes brasileiros com os próprios colegas. Além disso, sempre que há um conflito entre alunos, a roda de conversa é feita para que todos possam debater sobre a situação e, em suas palavras, fazer as pazes.

Maria Luiza afirmou existir um projeto na escola em que leciona, no qual as crianças imigrantes desenham sobre sua vinda para o Brasil e contam para os colegas sobre a transição de país. Os brasileiros por sua vez, desenham situações do dia a dia no bairro em que vivem e compartilham do que mais gostam de fazer na escola, aulas preferidas e passeios. Ela afirma que através de dinâmicas como essa, os imigrantes conseguem se expressar melhor e se sentem mais acolhidos. Bakhtin (2002) traz a ideia de que o sujeito se constitui e é constituído na palavra. “A atividade mental do sujeito é profundamente marcada pelo campo social, pois a palavra e o material semiótico são elementos determinantes para a organização do pensamento que, posteriormente, retorna ao campo social” (BAKHTIN, 2002; p. 97).

Contudo, quando questionadas a respeito de políticas públicas, todas afirmaram não existirem políticas específicas voltadas à inclusão dos imigrantes, nas escolas em que lecionam. Os projetos mencionados por elas são iniciativas exclusivas da gestão escolar, buscando a melhor forma de promover a inclusão. Para ultrapassar a barreira do preconceito, as escolas apostaram em ajudas externas, como trabalhos em grupos feitos com alunos de psicologia e trabalho voluntário de profissionais da área da saúde mental. Todas concordaram que as políticas públicas deveriam ser mais reforçadas nas escolas, em especial aquelas que focam em estratégias voltadas aos alunos imigrantes.

De acordo com Julia, *“Nós fomos referência na época em que muitos imigrantes vieram para o Brasil, mas externamente. Internamente nós não temos nada para ser*

referência. Na escola em que eu lecionava, um dos alunos imigrantes com dificuldade de aprendizagem ficava isolado em um canto da sala tendo aula com uma cuidadora de idosos. Para o estado, isso é inclusão.” Além disso, segundo Francisco, faltam professores auxiliares que consigam ajudar na tradução para seu idioma, facilitando assim, o entendimento da matéria. “Eu acho que, algo negativo [das escolas públicas], seria a falta de professores bilíngues. Na minha escola não tinha ninguém que falasse espanhol e para a professora conseguir entender a dificuldade que eu tinha... ela não conseguia. ”

Desafios e conquistas em relação à aprendizagem dos alunos imigrantes

Como de costume quando se aprende um novo idioma, o processo de adaptação a uma nova língua leva tempo e em decorrência da falta de políticas públicas que auxiliem os estudantes na inserção do ambiente escolar, a diferença idiomática pode ser um dos principais obstáculos na aprendizagem desses alunos, uma vez que sentem dificuldade em acompanhar a matéria em português. De acordo as professoras entrevistadas, o principal desafio em ensinar alunos estrangeiros é compreender e serem compreendidas. Para Francisco, a barreira do idioma foi responsável pela dificuldade na disciplina de português.

Além disso, as três professoras afirmaram que é necessário melhorar a relação família e escola. Elas queixam-se que a maior dificuldade é ensinar português em sala de aula e em casa os alunos imigrantes falarem apenas o idioma materno. A partir da fala das professoras, se colocam duas interrogações: Como as crianças podem absorver uma nova cultura sem afastar-se da sua? De que forma as crianças devem preservar sua cultura se são reprimidas ao falarem seu idioma natal em sala de aula e orientadas pelos professores a falarem português em casa?

As professoras também se queixaram da falta de apoio da família nas tarefas escolares. Contudo, Francisco lembra que muitos imigrantes trabalham o dia inteiro no Brasil e por esse motivo, podem ficar ausentes em alguns momentos. “A maioria dos imigrantes que vem para o Brasil não vem para trabalhar das 07h até às 17h. Eles vêm para trabalhar das 07h até às 22h ou 23h. Então, as crianças já não têm os pais em casa para ajudar os filhos.”

Em decorrência da busca por trabalho, muitas vezes os imigrantes “se dedicam ao trabalho nas confecções de roupas, principalmente como costureiros em oficinas que ficam localizadas nos bairros centrais de São Paulo” (DOS SANTOS, 2003). Infelizmente, esses trabalhadores ficam sujeitos à precariedade das condições de trabalho e longas jornadas trabalhistas.

Quando questionadas em relação às principais conquistas em ensinar alunos imigrantes, todas concordam que o resgate emocional é a principal delas. Marina afirma que *“Só de olhar para ele [aluno imigrante], ver o olhar dele... dá para ver que ele estava diferente. Ele era uma criança que olhava com ódio para a gente. E hoje em dia ele olha com amor, ele fala que vai estudar, que tem perspectiva de futuro.”*

Desafios desencadeados pela pandemia e isolamento social

A pandemia do Covid-19 trouxe diversos desafios e com certeza deixará grandes marcas para a população. No contexto escolar, de forma repentina, as escolas foram obrigadas a modificar seus procedimentos de ensino e incluir metodologias de ensino remoto a fim de manter a continuidade do ano letivo (UNICEF, 2020; apud BARROS, 2021; p.827). Os entrevistados nessa pesquisa afirmaram que, além dos estudantes em grande maioria não possuírem computadores e celulares próprios para estudar sozinhos em casa, o processo de aprendizagem também ficou mais maçante. Isso porque, segundo uma das entrevistadas, é mais difícil para as crianças ficarem o dia inteiro no computador ou celular com foco integral nas aulas, além de terem disciplina de acordar cedo para acompanhar a aula.

Apesar do cenário pandêmico e do Brasil ter fechado fronteira para alguns países, Marina e Maria Luiza não sentiram que a taxa de alunos imigrantes matriculados na escola caiu. Elas acreditam que muitos que chegaram no ano de 2020 acabaram por não estudar e se matricularam apenas em 2021, o que fez com que não houvesse mudança brusca na média de alunos por sala de aula. No entanto, algumas pesquisas evidenciam que, “praticamente, todos os tipos de movimentação de fronteira caíram substancialmente entre os meses de janeiro a agosto de 2020, comparando-se com o mesmo período do ano anterior” (SILVA, 2020; p.15).

No entanto, toda estrutura e rotina das aulas mudaram. Além de precisar se adaptar às tecnologias, os professores precisaram reestruturar o acolhimento dos estudantes, principalmente dos imigrantes. A falta de contato com os alunos dificultou a atuação do professor. Marina afirma que o professor não fala apenas com palavras, o professor fala no toque, quando abaixa na carteira para ajudar os alunos, no abraço e no afeto. Atitudes que foram perdidas em decorrência do distanciamento social e que são extremamente importantes para levar o sujeito a investir na afetividade, que é o “combustível” necessário para a adaptação, a segurança, o conhecimento e o desenvolvimento da criança (MELLO, 2013).

As interações em sala de aula são construídas por um conjunto de variadas formas de atuação, que se estabelecem entre partes envolvidas, a mediação do professor em sala de aula, seu trabalho pedagógico, sua relação com os

alunos, tudo faz parte desse papel. A afetividade não se limita a carinho físico, muitas vezes se dá em forma de elogios superficiais, ouvir o aluno, dar importância às suas ideias. É importante destacar essa forma de afetividade, pois às vezes nem percebemos que pequenos gestos e palavras são maneiras de comunicação afetiva. (MELLO, 2013; p. 6).

Por fim, cabe ressaltar a importância do estabelecimento de relação entre família e escola no contexto pandêmico. Sabe-se que o envolvimento dos pais na escolarização do aluno é importante e benéfico ao seu desenvolvimento, entretanto, a mudança abrupta do ensino presencial para o remoto, causado pela pandemia, gerou instabilidades nos lares e na rotina das famílias e isso tem exigido ainda mais acompanhamento dos pais (BORGES, 2021; p. 789).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo migratório é um fenômeno global e sua frequência vem aumentando com o passar do tempo. Esses processos, originados em causas econômicas, políticas e ambientais, impulsionam o deslocamento transnacional de indivíduos e famílias em busca de melhores condições de vida (Martin et al; 2018). Contudo, a imigração, ao contrário do que a lógica nos induz pensar, pode trazer mais perdas do que ganhos para o sujeito, principalmente porque se deparam com uma cultura diferente da sua, fazendo com que haja maiores dificuldades de se inserir na sociedade.

O presente artigo buscou demonstrar que, todos os imigrantes encontram dificuldades ao chegar no novo país. Destaca-se aqui, a dificuldade de se inserirem no ambiente escolar, uma vez que ao chegarem ao Brasil, sofrem com o impacto da cultura e principalmente com a diferença idiomática, fator que foi considerado nessa pesquisa como um dos principais desafios para a sua inserção na nova cultura. Esses dois fatores prejudicam o processo de ensino aprendizagem, de acordo com os quatro entrevistados.

Para compreender de forma integral o processo de ensino aprendizagem desses alunos, bem como identificar suas dificuldades, o tema foi desmembrado em 6 categorias de análise. A primeira diz respeito à relação dos alunos imigrantes com os professores. As professoras entrevistadas procuram manter uma boa relação com seus alunos, contudo, uma delas enfatizou que em decorrência das salas terem mais de 40 estudantes, muitos professores tendem a ficar impacientes com os alunos imigrantes pois estes demoram para entender o conteúdo e possuem a barreira do idioma, dificultando a comunicação entre eles. Outro ponto observado por essa professora é que, por vezes, os próprios professores tentam atribuir problemas de ordem biológica como por exemplo, Transtorno de Déficit de Atenção com

Hiperatividade – TDAH e Transtorno Desafiador de Oposição – TOD aos estudantes, em especial os imigrantes.

No que diz respeito à relação com os colegas de classes, todos os participantes afirmaram ser positiva. De forma geral, as falas das professoras evidenciaram que o carinho e afeto dos professores com os alunos, em especial os imigrantes, são de extrema importância para a aprendizagem, evidenciando, sua preocupação em ajudar e inserir os alunos imigrantes no ambiente escolar. Dessa forma, as professoras fazem com que os alunos brasileiros auxiliem os imigrantes nesse processo, criando laços afetivos entre eles e facilitando a integração.

Em relação à diferença idiomática, percebeu-se que esta continua sendo um dos principais desafios para os alunos imigrantes no que diz respeito ao processo ensino-aprendizagem. A partir das entrevistas, foi possível perceber que as principais dificuldades de aprendizagem estão relacionadas com o obstáculo em entender e ser compreendido nas salas de aulas. Apesar da escola ser considerada o ambiente em que a diversidade de costumes, cultura e pensamentos se faz presente, percebeu-se que as manifestações culturais dos alunos imigrantes, muitas vezes, são reprimidas e desvalorizadas. Apesar de já haver algumas estratégias por parte do governo que visam auxiliar os alunos imigrantes no que diz respeito ao idioma, como o C.E.L (Centro de Estudo de Línguas) ¹, é necessário continuar investindo em ações que promovam maior liberdade de expressão cultural desses alunos.

Por este motivo, é de extrema importância que as escolas criem projetos inclusivos e ações que visem acolher os imigrantes, posto que esse ambiente é, para eles, o lugar de intersecção entre a sociedade circundante e a família. Ou seja, é no ambiente escolar que as crianças aprendem o modo de viver do novo país e sua cultura, devendo ser também, o local em que os estudantes possam preservar seus próprios costumes. Contudo, foi possível perceber por meio das entrevistas, que todas as atividades inclusivas partem da própria escola e quando questionadas a respeito de políticas públicas sobre o tema, todas as participantes afirmaram não existirem.

Quando as participantes foram questionadas a respeito das conquistas e desafios em ensinar alunos imigrantes, todas responderam que o idioma é um dificultador no processo ensino-aprendizagem destes, além da falta da relação família-escola. O ex-aluno imigrante afirma que os adultos estrangeiros trabalham o dia inteiro e por este motivo, podem ficar mais ausentes na educação dos filhos. Uma das

¹Programa da Educação proporciona ensino de sete idiomas para alunos do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, 2016.

professoras comentou que as escolas não incentivam os pais a frequentarem o EJA (Educação de Jovens e Adultos) e por este motivo, estes não conseguem auxiliar os filhos nas tarefas da escola. Contudo, todas afirmaram que a maior conquista é poder fazer parte da inclusão destes alunos na sociedade e resgatá-los em seus aspectos emocionais, auxiliando na transição de país.

Também foi questionado a respeito da educação de alunos imigrantes no período pandêmico e todas afirmaram que o fechamento das escolas e o ensino remoto deixará impactos negativos em todos os alunos, em especial nos imigrantes. Isso deve-se ao fato de que é no ambiente escolar em que se formam as primeiras relações sociais e é possível absorver a cultura e costumes do país em que se está agora. Nesse período, as relações interpessoais ficarão comprometidas, sendo essas, de extrema importância para a inserção no novo país.

Por fim, o presente artigo corroborou com as pesquisas que dizem respeito ao processo de migração, evidenciando como ocorre o processo de ensino-aprendizagem e inclusão dos alunos imigrantes. A análise dos dados coletados buscou explicitar como as relações interpessoais, sejam com seus pares ou professores, podem ser benéficas para o acolhimento destes estudantes, complementando o que muitas pesquisas já afirmaram: o ambiente escolar é de extrema importância para os alunos imigrantes, uma vez que é nela que ocorre o primeiro contato com o novo país.

A partir das entrevistas realizadas e do estudo bibliográfico sobre a educação de alunos imigrantes, foi percebido que muitos professores e responsáveis pela gestão escolar acreditam que a escola deve promover um ambiente cultural e linguístico plural, contudo, possuem dificuldade em realizá-lo nas salas de aula. As professoras entrevistadas, por vezes, veem os estudantes falantes de um idioma minoritário como um problema e sem possibilidade de agregar conhecimento.

Além disso, percebe-se que ainda existe a tentativa de padronizar o idioma falado, desvalorizando a identidade do estudante que chega de outro país. Sendo assim, os alunos imigrantes acabam por se sentir pressionados a apagar sua cultura em prol da inserção no ambiente escolar e na nova sociedade, uma vez que diante da barreira linguística e diferenças culturais, podem sofrer *bullying* e xenofobia.

Termino este artigo afirmando que o Brasil ainda precisa enfrentar diversas barreiras no que diz respeito à inclusão destes estudantes, sendo a principal, a ampliação de políticas públicas. A partir das entrevistas e estudos sobre o tema, foi possível perceber que o país ainda carece de estratégias por parte do governo que visam auxiliar no processo de ensino aprendizagem dos estrangeiros. O aluno

imigrante deve ser visto como aquele que não só possui necessidades linguísticas, como também necessidades de inclusão e acolhimento.

Para tanto, é papel da escola combater o silenciamento e apagamento da cultura, costumes e idiomas desses indivíduos. É também papel da escola discutir em sala de aula sobre as diferentes culturas que chegam à escola, valorizá-las e explorar todos os aspectos que existe por trás da língua. É importante que o professor e a escola valorizem a história de cada aluno e as diferentes culturas a fim de que os alunos imigrantes se sintam abertos para falar e serem ouvidos. Isso pode ser feito através de espaços de convivência e troca, como a roda de conversa, na qual pode-se discutir sobre suas histórias, razões da imigração, seu idioma, suas dificuldades de adaptação ao novo país e até mesmo incentivá-los a não esquecer sua língua materna. Além disso, também é necessário conscientizar as pessoas do espaço escolar sobre a importância de combater o racismo e a xenofobia.

Em suma, é papel do professor e dos membros da escola promover a tolerância e a manutenção linguística, além de formar cidadãos preparados e conscientes de seu papel na sociedade. Afinal, a escola é o espaço por excelência de valorização de qualquer manifestação cultural e linguística. A psicologia escolar e educacional tem grandes contribuições a dar no processo de inclusão educacional de todas as crianças e jovens estrangeiros.

Contudo, também é seu papel dar espaço e valorizar toda e qualquer manifestação cultural e linguística.

6. REFERÊNCIAS

ACNUR et al. **Migrações, Refúgio e Apátrida – Guia para comunicadores**, 1. Ed; 2019. Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2019/05/Migracoes-FICAS-color_FINAL.pdf. Acesso em: 20 de jan. 2020.

ALEXANDRE, Ivone de Jesus; ABRAMOWICZ, Anete. **Inserção escolar: crianças migrantes do Haiti nas creches e escolas de Sinop MT**. Brasília, DF. Périplos: Revista de Estudos sobre Migrações, v. 1, n. 1, p. 184-197, 26 out. 2017.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

AQUINO, Julio Groppa. **A relação professor-aluno: do pedagógico ao institucional**. São Paulo, SP: Summus, 1996.

ARAÚJO, Danuse; CONTERAS, Humberto. **A criança imigrante e a escola: adaptação social e curricular**. Curitiba, PR. IV Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação – SIRSE e IV Seminário Internacional de Profissionalização Docente – SIPD, 2017.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 10 ed. São Paulo, SP: Hucitec, 2002.

BARROS, Fernanda Costa; VIEIRA, Darlene Ana de Paula. **Os desafios da educação no período de pandemia**. Brazilian Journal of Development, v. 7, n. 1, p. 826-849, 2021. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/22591>. Acesso em: 30 jun. 2020.

Berg, Juliana, Vestena, Carla Luciane Blum, Zwierewicz, Marlene & Costa-Lobo, Cristina. **Pandemia 2020 e Educação**. Revista Brasileira de Educação Ambiental, p. 470-487; 2020. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/revbea/article/view/10855>. Acesso em: 3 de mai. 2020.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto, PT. Porto Editora, 1994. cap. 1 e 2, p. 48-52.

BORGES, Laura; CIA, Fabiana; DA SILVA, Aline Maira. **Atividades acadêmicas e relação família e escola durante o isolamento social da pandemia de Covid-19**. Olhares & Trilhas, v. 23, n. 2, p. 773-794, 2021. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/olhasesetilhas/article/view/60014>. Acesso em 23 de jul. 2021.

BRAGA, Sabrina Gasparetti; MORAIS, Maria de Lima Salum e. **Queixa escolar: atuação do psicólogo e interfaces com a educação**. São Paulo, SP. Psicol. USP, v. 18, n. 4, p. 35-51, Dec. 2007.

BRITO, Camila; OLIVEIRA, Marluce. **Bullying e autoestima em adolescentes de escolas públicas**. Rio de Janeiro, RJ. Jornal de Pediatria, v. 89, p. 601-607, 2013.

CRUZ, Tânia Mara. **Espaço escolar e discriminação: significados de gênero e raça entre crianças**. Belo Horizonte, MG. Educação em Revista, v. 30, p. 157-188, 2014.

Cunha, Marinaldo de Almeida. **O problema do aluno migrante: Escola, cultura e inclusão**. Curitiba, PR. EDUCERE – Anais do XII Congresso Nacional de Educação (pp. 21.170- 21.178), 2015.

DOS SANTOS, Cleyton Rodrigues. **Da escravidão à imigração: a transição do trabalho escravo para o trabalho livre assalariado no Brasil**. Revista Intertemas, v. 6, n. 6, 2003. Disponível em: <http://intertemas.toledoprudente.edu.br/index.php/Direito/article/view/121>. Acesso em: 14 de jul. 2020.

FRAIA, Isabella. **Refugiados no Brasil: conceito e historicidade**. JusBrasil, 2016. Disponível em: <https://isabellafraia.jusbrasil.com.br/artigos/376266355/refugiados-no-brasil-conceito-e-historicidade>. Acesso em: 05 de fev de 2020.

GOMES, Beatriz; MAGALHÃES, Fernanda. **A medicalização da infância na educação**. Revista ECOS - Estudos Contemporâneos da Subjetividade. v.8, n.2, 314-327, 2018. Disponível em: <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/2336>. Acesso em: 15 de ago. 2020.

GONÇALVES, Carolina Abrão. **O limiar entre ser brasileiro: as identidades híbridas das crianças imigrantes na cidade de São Paulo**. Anais do II Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina. São Paulo, SP, 2016.

MAGALHAES, Giovanna Modé; SCHILLING, Flávia. **Imigrantes da Bolívia na escola em São Paulo: fronteiras do direito à educação.** Pro-Posições, Campinas, SP; v. 23, n. 1, p. 43-64, 2012 .

MARTUSCELLI, Patrícia Nabucco. **A proteção brasileira para crianças refugiadas e suas consequências.** Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana, p. 281-285, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/remhu/a/FMsVkWdMwYHq7YPkjsjQqvw/?lang=pt>. Acesso em: 18 de dez. 2020.

MEGALE, Antonieta Heyden. **Bilinguismo e educação bilíngue—discutindo conceitos.** Revista Virtual de Estudos da Linguagem—ReVEL, v. 3, n. 5, p. 1-13, 2005. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_5_bilinguismo_e_educacao_bilingue.pdf. Acesso em: 5 de dez. 2020.

MEIRA, Marisa Eugênia Melillo. **Para uma Crítica da Medicalização na Educação.** Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, São Paulo, SP; v. 16, n. 1, p. 135-142, 2012.

MELLO, Tágides; RUBIO, Juliana. **A importância da afetividade na relação professor/aluno no processo de ensino/aprendizagem na educação infantil.** Revista Eletrônica Saberes da Educação, v. 4, n. 1, p. 1-11, 2013. Disponível em: <http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdf/v4-n1-2013/Taqides.pdf>. Acesso em 5 de dez. 2020.

MINAYO, Maria Cecília. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MOTTA, Flávia. **Salada de crianças: a roda de conversa como prática dialógica.** IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE e III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. Curitiba, PR; p. 1078-1098, 2009

Programa da Educação proporciona ensino de sete idiomas para alunos do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, 2016. Disponível em: <https://www.educacao.sp.gov.br/centro-estudo-linguas>.

SILVA, Sidney Antonio da. **Bolivianos em São Paulo: entre o sonho e a realidade.** Estudos Avançados, São Paulo, SP; v. 20, n. 57, p. 157-170, 2006.

Vygotsky, Lev Semionovitch. **Mind in society: The development of higher psychological processes.** Cambridge, MA: Harvard University Press, 1978.

Contatos: catelaniananda@yahoo.com.br e roseli.caldas@mackenzie.br